



“LA SPINALBA OVVERO IL VECCHIO MATTO”

Entrevista a Marcos Magalhães

Por Maria Ana Freitas

COMO NASCEU ESTE PROJECTO?

Este projecto, meu e da Marta Araújo, nasceu de uma proposta ao CCB. Foi engraçado porque foi tipo sopa de pedra. Primeiro era para ser só uma ópera em versão de concerto, com os cantores a ler a partitura. Entretanto surgiu a ideia: “e se em vez de ser versão de concerto fosse com alguma movimentação cénica?” – mais um ingrediente. Depois pensámos: “mas assim os cantores vão ter que estar a fazer de cor, não podem estar a ler partituras e a movimentar-se...” Então aí já dava para fazer muito mais marcação e passámos para a versão que é praticamente encenada.

FOI NESSA ALTURA QUE DECIDIRAM CHAMAR O LUCA APREA PARA TRABALHAR CONVOSCO?

Primeiro convidei um encenador que não podia, mas depois, por acaso, por recomendação de um amigo, conheci o Luca Aprea, que se entusiasmou imenso pela ideia. Ele é italiano, mas vive cá e tem uma experiência profissional ligada à ópera, com alguns encenadores importantes em Itália, como o Roberto de Simone que também fez ópera barroca. Portanto, para ele, ópera barroca em italiano é o suprasumo, digamos. Assim, a base disto tudo ter tido algum resultado foi o nosso encontro, o encontro de pessoas que gostam muito deste mundo.

PORQUÊ LA SPINALBA?

Porque é uma obra-prima da música portuguesa que apesar de tudo não é muito tocada. Só foi tocada duas vezes em tempos modernos, uma vez em Inglaterra e outra vez no São Carlos, nos anos setenta, parece-me. É uma obra-prima da música portuguesa. Não temos tantas obras-primas musicais como os alemães ou os franceses, mas temos algumas e esta é uma delas, assim como o *Te Deum* do António Teixeira ou o *Paraísos Artificiais* do Luís de Freitas Branco, ou outras obras... São obras-primas que é preciso conhecer e tocar regularmente em Portugal e no estrangeiro.

E OS CANTORES, FIZESTE QUESTÃO QUE FOSSEM TODOS PORTUGUESES?

Sim, sim, tentei que fossem todos portugueses. Só tivemos alguma dificuldade em vozes graves femininas, *mezzos* e contraltos, porque há muito poucos, aliás, no mundo já há muito poucos, contraltos então é raríssimo. A ideia foi tentar utilizar o máximo de cantores portugueses, sobretudo dar a conhecer uma nova geração que

faz muitas produções de música antiga, mas sobretudo no estrangeiro, como seja a Ana Quintans, o João Fernandes, a Joana Seara, etc. E depois temos cantores que não fazem tanta música antiga mas que são fantásticos, como o Luís Rodrigues ou o Mário Alves.

A ÓPERA FOI APRESENTADA NO ANO PASSADO E A RECEPÇÃO FOI MUITO BOA, DA CRÍTICA E DO PÚBLICO.

Foi, foi.

ESTAVAS À ESPERA DE UMA REACÇÃO ASSIM, AO PONTO DE SE SENTIR NECESSIDADE DE UMA REPOSIÇÃO?

Se eu estava à espera... Pergunta difícil. Eu estou tão embrenhado em fazer que não penso muito na recepção. É como o Luca, a Marta que também toca cravo na orquestra, e os outros participantes, cantores e músicos, nós tentamos fazer bem o nosso trabalho.

Houve uma relação muito engraçada com o CCB, que apostou num projecto, de certa forma, um bocado às cegas. Nunca tínhamos feito uma ópera, mas gostaram da ideia e houve vontade da parte da direcção do CCB em fazê-la. E, claro, depois houve também uma grande satisfação por aquilo corresponder às expectativas e até superá-las. E também por ser ópera feita em Portugal, por portugueses, e ter um nível bom. Isso é importante para a direcção do CCB, o ter contribuído para essa melhoria das condições da feitura de ópera em Portugal. Acho que o CCB está a apoiar os artistas para produzirem, dando-lhes as condições para isso. Artistas portugueses que se calhar não tiveram oportunidade ou de fazer ópera ou de fazer determinada obra são postos numa situação onde podem mostrar o seu trabalho, conseguem fazê-lo e isso é muito bom.

O QUE É QUE MUDOU DO ANO PASSADO PARA ESTE ANO?

Vão mudar algumas coisas, alguns melhoramentos porque, apesar de tudo, da outra vez houve um prazo um bocado curto para fazer as coisas, foi tudo muito repentino, até porque não era para ser uma ópera encenada. O palco vai em principio aumentar um bocadinho para haver mais espaço... Se bem que o nosso interesse não é criar um espectáculo espectacular, visual e tecnologicamente, aliás não nos interessa nada isso...

É UMA ENCENAÇÃO SIMPLES, CENOGRAFICAMENTE E...

Pois, gostávamos que fosse uma coisa muito simples, mas muito complexa ao mesmo tempo... Gostávamos que se baseasse unicamente na capacidade dos cantores de criarem a ilusão, criarem a ilusão teatral unicamente com a voz, com o corpo e não com figurinos, com cenários, com ajudas exteriores. Muito menos tecnologias que, eu pelo menos, não gosto nada de tecnologias na ópera. Aliás, nem gosto de ver plástico no palco em ópera. Eu associo a ópera a um mundo que já não existe, um mundo artesanal, pelo menos a ópera antiga, não é? Agora há novas maneiras de fazer óperas ligadas ao nosso tempo, que aliás eu acho que faz muita falta, e aí já não sou tão purista. Mas acho que se está a insistir sempre nas mesmas óperas antigas, nas mesmas óperas de repertório, o *Rigoletto* 70 mil vezes... São fantásticas essas óperas, mas são sempre as mesmas. Bom, nós também estamos a fazer uma ópera antiga... Mas parece-me que faz falta a criação de ópera actual, mas de uma forma mais despreocupada, sem intenção de fazer, de cada vez, uma obra-prima, uma grande ópera, supermoderna, que vem revolucionar a linguagem da ópera. Muitas das grandes óperas foram feitas com um espírito completamente diferente... de fazer mais

uma ópera que resulte bem. As óperas do Mozart ou do Handel, eram muitas vezes óperas feitas um bocado à pressa, às vezes com imensas condicionantes – os cantores que tínhamos, a quais queríamos agradar, quais é que tínhamos que esconder um bocadinho, quais é que tínhamos que valorizar... É uma arte artesanal, de certa forma, tem que se conhecer muito bem os materiais com que se trabalha: os cantores, o teatro, a voz, a dicção... Essas é que são as questões importantes.

ESTÃO A PREPARAR NOVOS PROJECTOS, OUTRAS ÓPERAS?

Sim, vamos fazer uma nova ópera em Novembro de 2009. É um projecto meu, da Marta e do Luca. O Luca também já faz parte da equipa, do núcleo duro criativo.